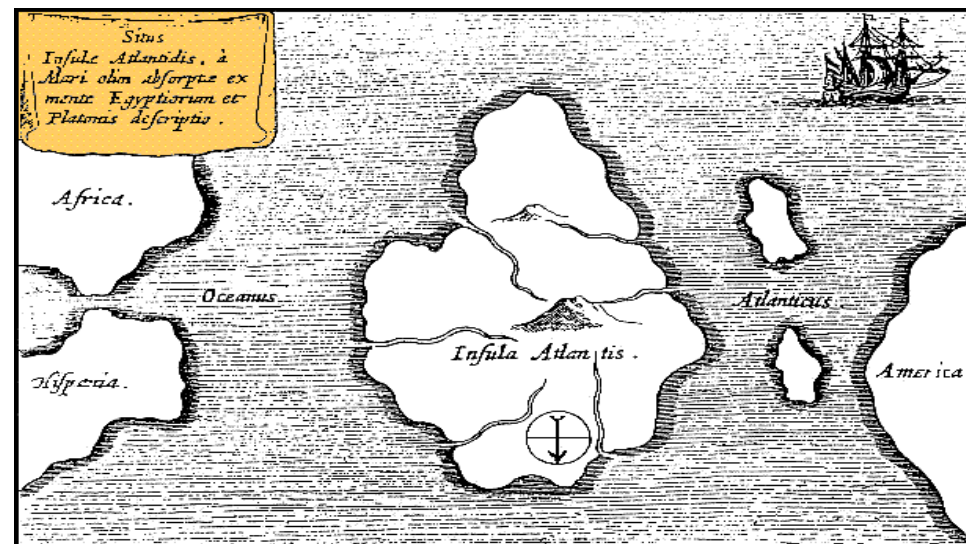


# CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS

## REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

CADERNO Nº 9 dezembro 2010

DEDICADO A EMANUEL FÉLIX



CADERNO Nº 9 dezembro 2010

DEDICADO A EMANUEL FÉLIX

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL-Colóquios da Lusofonia – Chrys Chrystello editou este número

Coordenação Chrys e Helena Chrystello

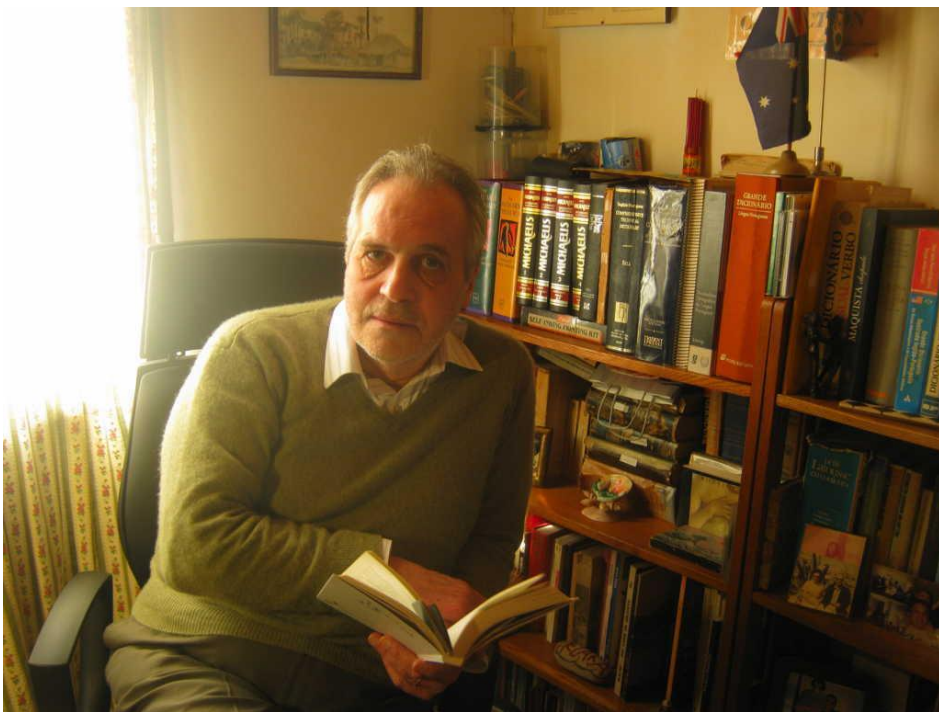
**CONVENÇÃO:** O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA -  
revisto janeiro de 22

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



#### NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRISTELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores<sup>1</sup> e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**.

A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL ([www.lusofonias.net](http://www.lusofonias.net)) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

<sup>1</sup> Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

Em janeiro 2010, brotaram estes desprezíveis **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA**, **servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos** que a AICL começou a publicar a partir de então.

Os **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** são uma **publicação trimestral** que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino “**9 ilhas, 9 escritoras**”. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana «*enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência*”.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988)...“*assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental*”.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, “*a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem*”.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiosincrasias:

- *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*
- *O dos insularizados ou «ilhanizados»<sup>2</sup>, e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*

<sup>2</sup> adotando a designação feliz utilizada por Álamô Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino

- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro “CHRÓNICAÇORES (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o “Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a BIBLIOGRAFIA FERAL DA AÇORIANIDADE a publicar em 2017 com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos.

Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Dos autores contemporâneos de que publicamos excertos começámos por seleccionar os que estiveram presentes nos colóquios e por quem nutrimos mais apreciação literária: **Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Caetano Valadão Serpa.** Depois foi a vez de **Álamo de Oliveira, Fernando Aires e Mário Machado Fraião,** falecido em 8 de novembro 2010. Hoje publicámos **Emanuel Félix,** falecido em 2004







EMANUEL FÉLIX

**EMANUEL FÉLIX BORGES DA SILVA** nasceu em Angra do Heroísmo a 24 de outubro de 1936 e faleceu no dia 14 de fevereiro de 2004 na mesma cidade.

*Poeta, ensaísta, autor de contos e crónicas, crítico literário e de artes plásticas.*

*Foi considerado o introdutor do concretismo poético em Portugal, que cedo rejeitou, tendo passado pela experiência surrealista.*

*Fundou e foi codiretor da revista Gávea (1958). Foi codiretor da revista Atlântida, do Instituto Açoriano de Cultura.*

*Iniciou os seus estudos nos Açores, tendo, porém, feito quase toda a sua preparação técnico-profissional no estrangeiro, designadamente no Instituto Francês de Restauro de Obras de Arte (Paris), na Escola Superior de Belas-Artes de Anderlecht e na Universidade Católica de Lovaina, onde se especializou no Laboratório de Estudo de Obras de Arte por Métodos Científicos do Instituto Superior de Arqueologia e História da Arte da mesma Universidade.*

*Efetou visitas de estudo e frequentou estágios de longa duração em institutos superiores e serviços científicos dos museus de Paris, Ruão, Bruxelas, Liège, Amsterdão, Londres, Roma, Florença, etc.*

*Foi responsável pela criação do Centro de Estudo, Conservação e Restauro de Obras de Arte dos Açores, que dirigiu e onde organizou, com o apoio do Fundo Social Europeu, cursos de formação para técnicos de restauro de pintura de cavalete.*

*Tendo iniciado a sua vida como professor do ensino primário, foi também professor do ensino secundário e, por fim, do ensino superior, havendo proposto e colaborado na reestruturação do "currículo" do Curso Superior de Conservação e Restauro da Escola Superior de Tecnologia de Tomar, onde lecionou Tecnologia da Pintura e Técnicas de Conservação e Restauro, disciplinas cujo conteúdo programático elaborou.*

Na mesma Escola Superior, prestou serviços no âmbito dos estudos, da consultadoria, do desenvolvimento científico do respetivo laboratório de restauro e da direção de estágios de especialidade.

Fez parte do grupo de peritos do "Projeto 10" do CDCC do Conselho da Europa, que realizou numerosas audições com vista ao estudo das dinâmicas culturais no desenvolvimento de diversas regiões europeias. Proferiu conferências e participou em mesas redondas em associações culturais e universidades dos Estados Unidos da América.

Foi membro individual de diversas instituições culturais nacionais e estrangeiras. Tem algumas centenas de artigos publicados em jornais e revistas dos Açores, do Continente Português e do Estrangeiro. Está representado em numerosas antologias poéticas.

Ficaram por publicar, entre outras:

Paramentos Antigos dos Açores - séc. XIV, XV e XVI (História da Arte),

Comunicação, Cultura, Liberdade (artigos, comunicações, conferências e outros textos de intervenção).

## BIBLIOGRAFIA

0. (1958). "Sete poemas". Angra. *Diário Insular*
1. (1965). *Vendedor de bichos seguido de Poemas de Melibeia*. Lisboa, ed. Panorama;
2. (1967). *Angra no último quartel do séc. XVI*. Angra, sem editora [s.i]
3. (1971). *O Vendedor de bichos*. 2ª ed. modificada. Angra. [s.i]
4. (1972-1973). "Paramentos antigos dos Açores: Vestes sacerdotais inglesas dos sécs. XIV e XV". *Atlântida* 37, 2: 7-28
5. (1977). *A palavra. O açoite*. Poesia. Coimbra, ed. Centelha
6. (1984). *A viagem possível. Poesia 1965-1981*. Angra. SREC
7. (1985). *Seis nomes de mulher*. Poesia. Angra. Jornal *A União*
8. (1986). "Património artístico móvel da Sé de Angra: restauro de três pinturas sobre suporte têxtil" José Augusto Teles Guedes da Silva (fotografias). Angra do Heroísmo. *Boletim IHIT* vol. 44: 365-389

9. (1986). "Centro de estudo, conservação e restauro de obras de arte: normas de execução permanente sobre a limpeza de espécies cerâmicas antes do respetivo tratamento ou restauro". Angra do Heroísmo. *Boletim IHIT* vol. 44: 510-51
10. (1988). "História da Arte e métodos de laboratório," José Augusto Telles Guedes da Silva (documentação gráfica). *Boletim IHIT* 45: 781-803
11. (1988). "António Dacosta, esboço de um roteiro sentimental". Angra do Heroísmo. *Atlântida* 1º sem: 11-35
12. (1988). *O Dragoeiro Dracaena Draco da Macaronésia chave da grande obra em Jerónimo Bosch*. Angra
13. (1989). *Colombo e os Açores* (iconografia, fontes impressas e documentais): exposição; org. Emanuel Félix, Jacinto Monteiro, J. A. Teles Guedes da Silva. SREC.
14. (1989). "Conceito e dinâmica do património cultural". Angra do Heroísmo. *Boletim IHIT* vol. 47: 417-427.
15. (1992). "Paramentos antigos dos Açores. Vestes sacerdotais inglesas dos sécs. XIV e XV". *Atlântida* vol. 37: 2: 7-28
16. (1992). *O instante suspenso*. Poesia. Angra. *Ínsula*
17. (1993). *A viagem possível*, 2ª edição refundida e atualizada Lisboa. Ed. Vega
18. (1994). "Sobre os frescos da antiga matriz de S. Sebastião da ilha Terceira. *Atlântida* vol. 38: 5-24
19. (1994). *Os trincos da memória*. Ficção, prefácio Ângela Almeida. Ponta Delgada, Ed. Jornal de Cultura
20. (1995) in Machado, O: *Os autores estrangeiros na obra de Emanuel Félix*. *Atlântida* vol. 40 1: 51-84
21. (1995). "A linguagem mística das pedras, contribuição para a leitura de testemunhos locais". *Atlântida* vol. 41: 13-34
22. (1995). *Iconografia e simbólica do Espírito Santo nos Açores*. Praia da Vitória. Santa Casa da Misericórdia
23. (1996). "Paramentos antigos dos Açores, casula do séc. XVI pertencente à igreja paroquial da Ribeirinha (Terceira)". *Atlântida* vol. 42: 23-46
24. (1997). *Habitação das chuvas*. Poesia. Angra. SerSilito Empresa Gráfica
25. (1999). "Bettencourt, João de Matos" in *Enciclopédia Açoriana*
26. (2000) in *Nove rumores de mar, Antologia de poesia açoriana contemporânea*, org. Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, Instituto Camões e Seixo Publishers
27. Félix. Emanuel (1999). *The possible journey. Poems 1965-1992*, ed. Gávea-Brown
28. Félix. Emanuel (2003). 121 *Poemas escolhidos, poesia 1954-1997*. Lisboa: ed. Salamandra Série Especial
29. (2003) in Morna, F. F. *Apresentação a 121 poemas escolhidos 1954-1997*. Lisboa, ed. Salamandra
30. (2003) in "50 anos de vida literária. Dossiê". *Separata da Atlântida* vol. 18 IAC

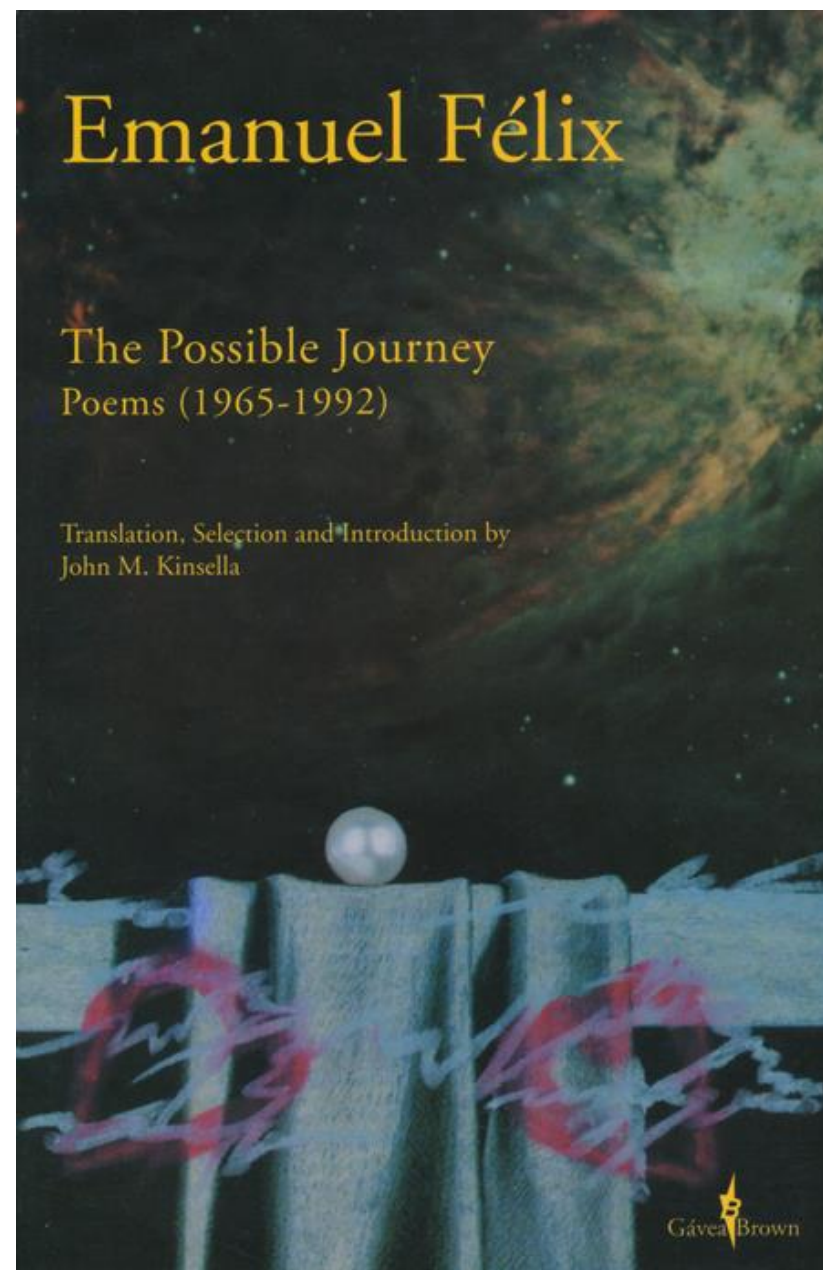
31. (2005). *Dragoeiros: ilha do Pico*. Fotografias: Constância, J. P. e Alegre, Manuel: coautor; ed. lit.; César, Carlos apresentação; Araújo, António Manuel Pereira de (foto). Pico. Açores: ed. Presidência do Governo Regional
32. (2007) in *Voices from the islands. an Anthology of Azorean Poetry*. John M K Kinsella. Gávea-Brown Publications. Providence. Rhode Island
33. (2009). “Da poesia de Emanuel Félix a alquimia dos signos, por Maria Natália Ferreira Gomes Thimóteo” in *Celli, Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários* vol. 3. Maringá: 690-702
34. (2011) in *Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos*, de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
35. (2011), in *Antologia da Memória poética da Guerra Colonial*, Roberto Vecchi, Margarida Calafate Ribeiro (org.). Fotos: Manuel Botelho. Notas biográficas: Luciana Silva e Mónica Silva, 1ª ed. Porto: Afrontamento [ISBN 978972361 1748] 648 pp.
36. (2012), in *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos*, de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
37. (2015). *Obra completa, 3 vols.* (coord e revisão de Vasco Pereira da Costa). DREC, SREC

Atualização da bibliografia em <https://www.lusofonias.net/5-bga-bibliografia-q-a%C3%A7orianidade.html>

---

TRADUÇÃO DE John M. Kinsella, 2002. ISBN 0-679-42895-X

“This is a journey (and the poetic work of Emanuel Félix is entitled **The Possible Journey**) in which many steps are taken towards reaching the reverse and marvelous side of things.” Thus does a critic describe this book of poetry by the Azorean writer and artist Emanuel Félix who used both of these creative media in the poems to illuminate not only human experience but the natural and mythological world that encompasses it. The translator is Chairman of the Department of Spanish and Portuguese, National University of Ireland, Maynooth.”

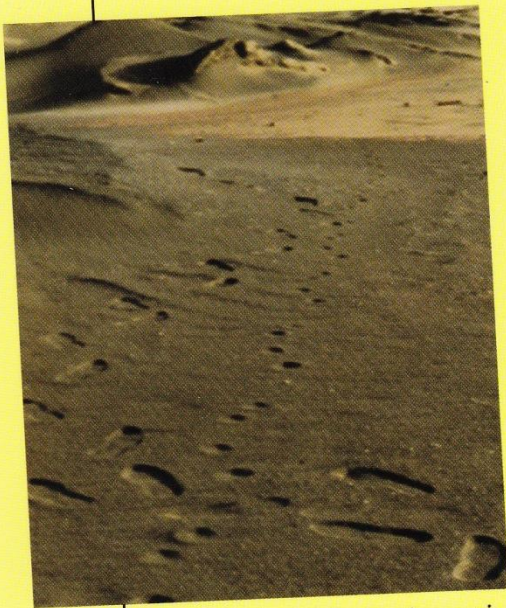




# A Viagem Possível

Poesia (1965/1992)

EMANUEL FÉLIX



*o chão da palavra/poesia*



EMANUEL FÉLIX

## OS TRINCOS DA MEMÓRIA



Colecção Ficção



Jornal de Cultura

Publicações e Artes Gráficas, Lda

**FIVE O'CLOCK TEAR, A Palavra O Açoite (1977)**

Coisa tão triste aqui esta mulher  
com seus dedos pousados no deserto dos joelhos  
com seus olhos voando devagar sobre a mesa  
para pousar no talher  
Coisa mais triste o seu vaivém macio  
p'ra não amachucar uma invisível flora  
que cresce na penumbra  
dos velhos corredores desta casa onde mora

Que triste o seu entrar de novo nesta sala  
que triste a sua chávena  
e o gesto de pegá-la

E que triste e que triste a cadeira amarela  
de onde se ergue um sossego um sossego infinito  
que é apenas de vê-la  
e por isso esquisito

E que tristes de súbito os seus pés nos sapatos  
seus seios seus cabelos o seu corpo inclinado  
o álbum a mesinha as manchas dos retratos

E que infinitamente triste triste  
o selo do silêncio  
do silêncio colado ao papel das paredes  
da sala digo cela  
em que comigo a vedes

Mas que infinitamente ainda mais triste triste  
a chávena pousada  
e o olhar confortando uma flor já esquecida  
do sol  
do ar  
lá de fora  
(da vida)  
numa jarra parada

**APELO PARACLETO, O Instante Suspenso (1992)**

Para o Francisco Jorge

Deixa-te estar assim um instante mais pousada  
no parapeito da janela,  
antiquíssima profetisa dos bosques.

Não te vás,  
pequeno deus do orvalho  
(pelo menos enquanto escrevo este poema).

Deixa-te estar um instante mais  
pousada  
no parapeito da janela  
que eu não sou caçador não ousa  
armadilhas nem flechas  
nem te levarei de oferta à minha amada,  
noiva de Salomão,  
ave sagrada de Afrodite,  
símbolo talmúdico da castidade.

Fica,  
alado peixe duplo,  
breve mensageira da Grande Mãe Telúrica.

Deixa-te estar um instante mais pousada  
no parapeito da janela,  
portadora do ramo de oliveira.

Quero saber se o Dilúvio Universal  
já acabou lá fora  
e se o Espírito de Deus paira de novo sobre  
as águas da substância primordial  
indiferenciada.



Filha,  
Na areia movediça das palavras, eu tenho procurado, juro,  
as que nasçam só nossas,  
certas, insubstituíveis, insubmissas.  
Com ternura lhes toco e as levo ao coração,  
frias ou gastas quase sempre, de outros usos.  
Como se fossem algas,  
escorrem por entre os dedos que as seguram.  
Outras, agarro-as bem, tinjo-as de sangue. São  
as que me comovem.  
Com elas choro e sigo a sua frustração de claunes que tornaram  
[ainda mais triste cada infância.

Mas, persigo-as, sim, quero-as ainda, as palavras  
trabalho-as  
com a aplicação do alquimista.  
E do athanor saem só pequenos peixes de ouro  
que nada têm a ver com o mar que separa o velho galeão  
que de gusanos  
me construo  
e o teu corpo de mulher que é preciso aceitar urgentemente.  
Ou aceitar de outro modo:  
como súbito se abrisse a porta da casa e lá fora estivesse caindo  
[uma chuva quente que a todos nos molhasse de uma estranha doçura.

Ah, minha filha, com que rigor procuro  
o sinal de sermos o que somos  
neste rio sem margens  
ou talvez nesta praia em cuja espuma quente  
é possível molhar ritualmente os pés e as mãos e partir a correr  
nus  
em direções opostas  
sem nada sugerir  
a morte nem a vida  
apesar de ambas estarem sempre para chegar.

Ah, o que tenho procurado, juro.

E que inútil junto às frondosas árvores dos símbolos  
mais doces mais íntimos mais ternos cruéis acusadores.  
Também a esses os levo à altura do peito e os encontro escassos de forma.  
Na bigorna não aguentam a violência apaixonada do ferreiro.

E, de novo, procuro entre nomes de flores cidades ou estrelas  
e nem sequer nos empedrados rostos das catedrais que eu vi  
encontrei nada que pudesse trazer para aqui  
outras coisas que pudesse ir amontoando com o tempo  
para ir compondo o poema, minha filha, que há dezasseis anos ando para te  
escrever  
mas que não fui capaz  
porque escusado é dizer que é dentro de mim que habita uma enorme rosa de  
fogo  
que não se vê do lado das palavras ou das pedras.

---

**CHORAR, [FÉLIX, Emanuel, Juvenília. A Fonte da Saudade (1954) in 121 Poemas  
Escolhidos (1954-1997). Lisboa, Edições Salamandra, col. "Garajau", "Série Especial",  
2003, p. 230].**

Quem não chorou em vida um só desgosto?  
Quem no mundo não sabe o que é penar?  
Se vejo um sulco fundo em cada rosto,  
Se as lágrimas descubro em cada olhar...

Quem inda não chorou, quando o sol-posto  
Na alma vem saudades embalar.  
Quem não chorou por ver seu fado oposto  
Ao que pensava, enfim, realizar.

Quem não chorou em noites de amargura  
Ou se entre si e o Ideal, a sepultura  
Vê cavar-se, da vida ao anoitecer?

Quem não chorou na vida um vão desejo?  
Ao ver em fogo converter-se um beijo?  
- Chorar é o doce alívio do sofrer..."

---

**PRIMAVERA, [FÉLIX, Emanuel, "As Quatro Estações" de António Vivaldi (1965) in 121 Poemas Escolhidos, p. 73].**

Entre sorrisos, chega a primavera,  
Que os pássaros saúdam no seu canto;  
E as fontes que murmuram entre a hera,  
Com o Zéfiro correm, entretanto.

No céu coberto com um negro manto,  
Suspensa, agora, a tempestade espera;  
Cessou a trovada; e torna o canto  
Das aves e das fontes entre a hera.

E quando já floresce o ameno prado,  
Ao murmúrio suave da ramagem  
Dorme o cabreiro com o cão ao lado.

Chegam festivos sons na leve aragem;  
Dançam ninfa e pastor, e sobre o prado  
Passa da primavera a clara imagem."

**ESTIO, [FÉLIX, Emanuel, "As Quatro Estações" de António Vivaldi (1965) in 121 Poemas Escolhidos, p. 74].**

Sob a dura Estação do Sol ardente,  
Há um torpor nos homens; arde o pinho  
Nos matos ressequidos; insistente,  
Um cuco ensaia versos, de mansinho.

Sopra a Brisa gentil, constantemente;  
O Bóreas desafia o seu vizinho;  
Lamenta-se o Pastor, que já pressente  
A tremenda borrasca pelo caminho.

Toma-lhe os membros lassos em repouso  
O medo dos relâmpagos, do trovão  
Zumbindo qual enxame furioso.

Ah, como os seus temores têm razão:

Rasgam clarões o céu, mas, poderoso,  
Quebra o vento as espigas, espalha o grão."

**OUTONO, [FÉLIX, Emanuel, "As Quatro Estações" de António Vivaldi (1965) in 121 Poemas Escolhidos, p. 75].**

Festeja o camponês com baile e cantos  
De uma feliz colheita o gran prazer;  
Pelo licor de Baco acesos, tantos  
Acabam, num torpor, de adormecer.

Bailam num abandono, e nos seus cantos  
Uma ária temp'rada dá prazer;  
E a Estação convida, agora, quantos  
Só encontram delícias no lazer.

O caçador vai, com a Aurora, à caça.  
De trompa e arcabuz, e os cães procuram  
A fera, perseguindo-a onde passa.

Já tímida e cansada, ela não corre;  
Dos arcabuzes e dos cães de caça  
Sem forças de fugir, opressa, morre."

**INVERNO, [FÉLIX, Emanuel, "As Quatro Estações" de António Vivaldi (1965) in 121 Poemas Escolhidos, p. 76].**

Encolhido de frio, caminhar  
Sobre a neve, ao severo uivar do vento;  
Correr batendo os pés cada momento,  
E bater dentes sem poder parar.

Junto ao lume, tranquilo, repousar,  
Quando a chuva não cessa um só momento  
Lá fora; ou cuidadoso, a passo lento,  
No gelo que entorpece caminhar.

Súbito, escorregar, cair por terra,

Ou ainda escutar como assobia  
Siroco, Bóreas, todo o vento em guerra,  
Que isto é do inverno a alegria.”

Les hirondelles    Les livres  
L'aurore boréale  
Irus a sa toilette  
Un chien ou un cheval

Voyage vers le ciel  
Les nuages du retour  
Il y a un petit drame  
L'atelier de couture

Un condamné à mort  
Nous arrivons trop tard  
Naissance d'un trèfle  
Appelons le hasard

Mais le poète Il dit  
Des étoiles Tes yeux  
À propos le trèfle  
C'est un souffle des dieux "

**LEVIATHAN OU A IDENTIFICAÇÃO DA BALEIA. [FÉLIX, Emanuel, O Vendedor de Bichos (1965) in 121 Poemas Escolhidos, pp. 38-39].**

(JOB, Cap. 40, 41, 42)  
A João Afonso  
À memória de Herman Melville

O medo habita em volta dos seus dentes.  
Soberbas são as linhas do seu corpo  
Blindado, com as barbas que se apertam:  
E uma à outra unidas de tal sorte  
Que nem o vento entre elas passaria.  
Um fumo espesso sai-lhe das narinas  
Como de uma caldeira fumegante.  
Há força enorme atrás do seu pescoço  
E em seu redor há só devastação.  
E os músculos do corpo tão unidos,  
Fundidos entre si, inamovíveis.  
Seu coração é duro como a pedra,  
Duro como a bigorna do ferreiro.  
Ferve o fundo do mar quando mergulha  
E volta como um vaso de perfume.  
Atrás dele há um rasto rutilante  
E o abismo das águas se constrói.”

***POEMA PARA O GATO GASPAS, [FÉLIX, Emanuel, O Vendedor de Bichos (1965) in 121 Poemas Escolhidos, p. 40].***

Nem só de carapau vivem os gatos  
mas também de silêncio  
mas de ouvidos e patas  
e de gatas que é mesmo a posição  
em questão  
e em que estão  
os outros animais ditos i-  
-racionalis

**11**



no preciso momento

Todavia não deixes de espreitar  
o aquário com peixes verdes dentro  
que o alimento  
vem também de sonhar

Nem só de carapaus, *my friendly ghost*  
bicho manhoso  
a quem chamo Gaspar”

---

**DISCURSO SOBRE A UTILIDADE DA MOSCA [FÉLIX, Emanuel, *O Vendedor de Bichos* (1965) in 121 Poemas Escolhidos, p. 43].**

um milhar de olhos para contar os grãos  
asas para dividir o vento e uma  
sirene [para anunciar a chegada e  
breve a partida  
tão evidente como a dos navios

minúsculo aparelho de descolagem vertical  
tem ainda um milhar de lábios [para o  
beijo gelado das paredes [patas para o  
mal-estar das visitas [e para  
caminhar no teto de cabeça para baixo  
tudo nela é tão pequeno e subitamente  
tão útil  
que a sua criação foi uma zombaria”

---

**O ELEFANTE LEGATÁRIO, [FÉLIX, Emanuel, *O Vendedor de Bichos* (1965) in 121 Poemas Escolhidos, p. 46].**

O elefante legatário  
magnânimo até ao fim  
ao caçador que ímpio o abate  
oferece as presas de marfim”

---

**OS GRILOS, [FÉLIX, Emanuel *O Vendedor de Bichos* (1965) 121 Poemas Escolhidos, p. 47].**

*Tem muito estilo o grilo  
(pena dar-lhe pràquilo...)*  
ALEXANDRE O’NEILL

Os grilos grelam nas fendas  
das casas pequenas

Os grilos grelam nas portas  
das ruas mortas  
Crescem de noite como ervas  
como no céu as estrelas  
Acendem lumes nas trevas  
como no céu as estrelas

Os grilos grelham a noite  
Os grilos põem grilhetas  
aos poetas”

---

**MELIBEIA, [FÉLIX, Emanuel, *Poemas de Melibeia* (1965) in 121 Poemas Escolhidos, p. 52].**

Melibeia é a primavera  
dos homens sem infância

Melibeia é um sorriso  
gesto de esperança  
entre o mar  
e os montes verdes

Melibeia – mil silêncios  
sem longe  
nem saudade  
sem ausência  
nem regresso

(ah  
a liberdade é uma ironia  
como o sol de ninguém

mesma lua de todas as noites  
fruto proibido  
e seu preço)

onde os pássaros dormem cobertos de silêncio  
na primeira árvore da estrada”

---

**NOTURNO DA ILHA, [FÉLIX, Emanuel, Poemas de Melibeia (1965) in 121 Poemas Escolhidos, p. 54].**

Ouçó o coração da noite  
(o motor duma traineira  
que fundeu na baía).

Horas no mundo...  
Acordado,  
escuto o coração da noite  
no seu bater apressado.”

---

**CRAVOS, FÉLIX, Emanuel, TRÊS POEMAS COM FLORES Para Filomena in 121 Poemas Escolhidos, p. 61].**

Flores para ti, Mena.  
O seu perfume aquece e afaga  
Como a brisa do verão.  
Cravos vermelhos como esta chaga  
Que tu me abriste  
No coração.”

---

**A BELDADE, [FÉLIX, Emanuel, 15 Poemas Chineses in 121 Poemas Escolhidos, p. 88].**

Quando ela se veste e penteia,  
Coberta de rubis e de esmeraldas,  
Sabeis que as travessas do seu cabelo  
São todos os impostos de muitas aldeias?”  
TU KUANG TING (séc. IX)

**5 Poemas Japoneses in 121 Poemas Escolhidos, p. 102].**

Eu esperei pelo meu amado  
até ouvir na escuridão da noite  
o murmúrio dos remos do seu barco  
atravessando o rio do céu.”

HITOMARO

---

**COM POSIÇÃO, [FÉLIX, Emanuel, Sete Poemas Visuais in A Viagem Possível (1965-1981), in 121 Poemas escolhidos, p. 145].**

MOVER

|     |       |
|-----|-------|
| CO  | MOVER |
| DE  | MOVER |
| PRO | MOVER |
| RE  | MOVER |
| SE  | MOVER |

MORRER

---

**“MEU ADEUS A MARTINHO, (FÉLIX, Emanuel, A Palavra e o Açoite (1977) in 121 Poemas Escolhidos, pp. 120-121].**

Não escreverei mais para a Rua de Malpique, 13  
a não ser para dizer ao António  
quanto me doeu a súbita notícia  
da tua morte.

(Sei que perdoas a simplicidade do tratamento  
porque a morte é bem isto:  
uma coisa que tudo simplifica).

Tão súbita a notícia.  
E, no entanto,  
eis-me sentado à beira da tua memória,

lembrando as tuas mãos de semeador da amizade,  
recordando os teus olhos onde era sempre claridade.

Tua ausência agora  
é ainda mais triste e indefinível  
do que um retrato apenas prometido.  
Agora sei que não és mais que um facto irrepetível  
como estar em Lisboa ou em Évora a teu lado.  
Irrepetível  
como ires despedir-te de mim ao aeroporto  
e ali esperar quatro horas falando das ilhas.  
(Tanto as amavas que o teu coração pensei se tornara uma ilha:

Ilha de Oitenta e Cinco Primaveras)

Agora sei  
que a tua ausência não é apenas estares morando em Lisboa  
mas para além desse invisível muro  
que separa  
os mortos e os vivos. Simplesmente.

E tenho pena  
de não ter podido ir também despedir-me de ti.  
Imensa pena de não ter podido ouvir-te saudar  
novamente: 'Você está famoso!'

Obrigado, Martinho,  
pela amizade que nos deste  
pela sinceridade que nos deste  
pela beleza que nos deste  
pela simplicidade que nos deste  
por tudo o que foi muito e que nos deste.

Daqui te digo um longo adeus, Martinho."

---

**TRISTES NAVIOS QUE PASSAM, [FÉLIX, Emanuel, A Palavra e o Açoite (1977) in 121 Poemas Escolhidos, p. 122].**

*Para o Daniel Santos,  
no outro lado do mar*

Tristes navios que passam  
na hora da nossa vida  
na hora da nossa morte

escuros vasos de guerra  
cargueiros tanques paquetes  
brancos navios de vela

levam óleo levam ódio  
luxo lixo das cidades  
levam gente gente gente

deixam ficar nostalgia

tristes navios que passam  
na hora da nossa morte  
na hora da nossa vida"

---

**DISCURSO (MUITO BREVE) SOBRE A CRIAÇÃO ARTÍSTICA, [FÉLIX, Emanuel, A Viagem Possível (1965-1992), Poemas Dispersos, in 121 Poemas escolhidos, p. 175,)**

*Para o Jean-Claude Bertrand*

Com que amor violentamos a folha deserta  
cujas margens tateiam a fronteira do sangue  
cujas margens viajam a superfície múltipla  
das dunas  
mão aberta  
afagamos talvez a face o pleno espaço  
na outra logo o fogo  
o lápis  
a memória  
o gesto em vez do peso



a viagem  
sem bússola do corpo

com que violência amamos o terreno  
demarcado do espanto  
sobre o húmus a força o quente espaço  
a forma  
a breve fala" [datado de Paris, 1979]



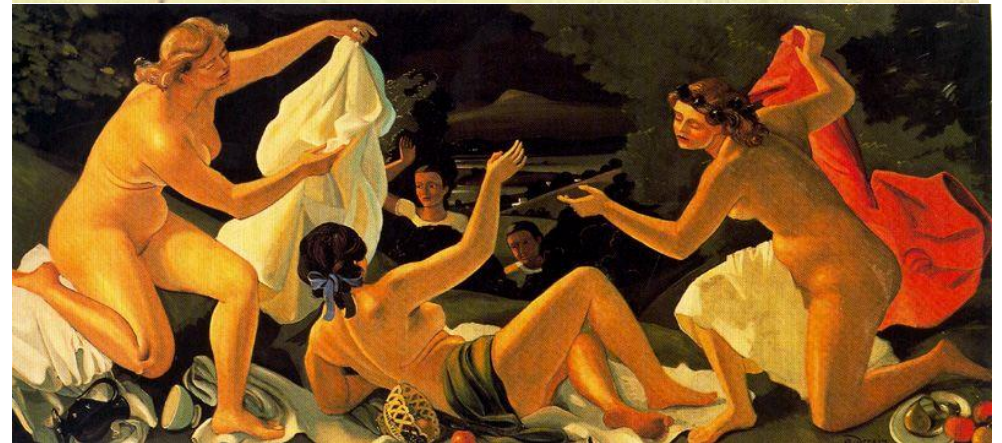
O vendedor de  
bichos ; seguido  
de Poemas de  
Melibeia

Félix, Emanuel

# TEXTOS AÇORIANOS

DE APOIO AO ENSINO DE PORTUGUÊS  
NO CURSO UNIFICADO

Edição da  
Secretaria Regional da Educação e Cultura



AS RAPARIGAS LÁ DE CASA (ILUSTRAÇÃO: ANDRÉ LOUIS DERAÏN - AS TRÊS GRAÇAS)

**AS RAPARIGAS LÁ DE CASA. " (FÉLIX, Emanuel, *Habitação das Chuvas* (1997) in 121 *Poemas Escolhidos*, pp. 205-206).**

Como eu amei as raparigas lá de casa

discretas fabricantes da penumbra  
guardavam o meu sono como se guardassem  
o meu sonho  
repetiam comigo as primeiras palavras  
como se repetissem os meus versos  
povoavam o silêncio da casa  
anulando o chão os pés as portas por onde  
saíam  
deixando sempre um rastro de hortelã  
traziam a manhã  
cada manhã  
o cheiro do pão fresco da humidade da terra  
do leite acabado de ordenhar  
(se voltassem a passar todas juntas agora  
verieis como ficava no ar o odor doce e materno  
das manadas quando passam)  
aproximavam-se as raparigas lá de casa  
e eu escutava a inquieta maresia  
dos seus corpos  
umas vezes duros e frios como seixos  
outras vezes tépidos como o interior dos frutos  
no outono  
penteavam-me  
e as suas mãos eram leves e frescas como as folhas  
na primavera

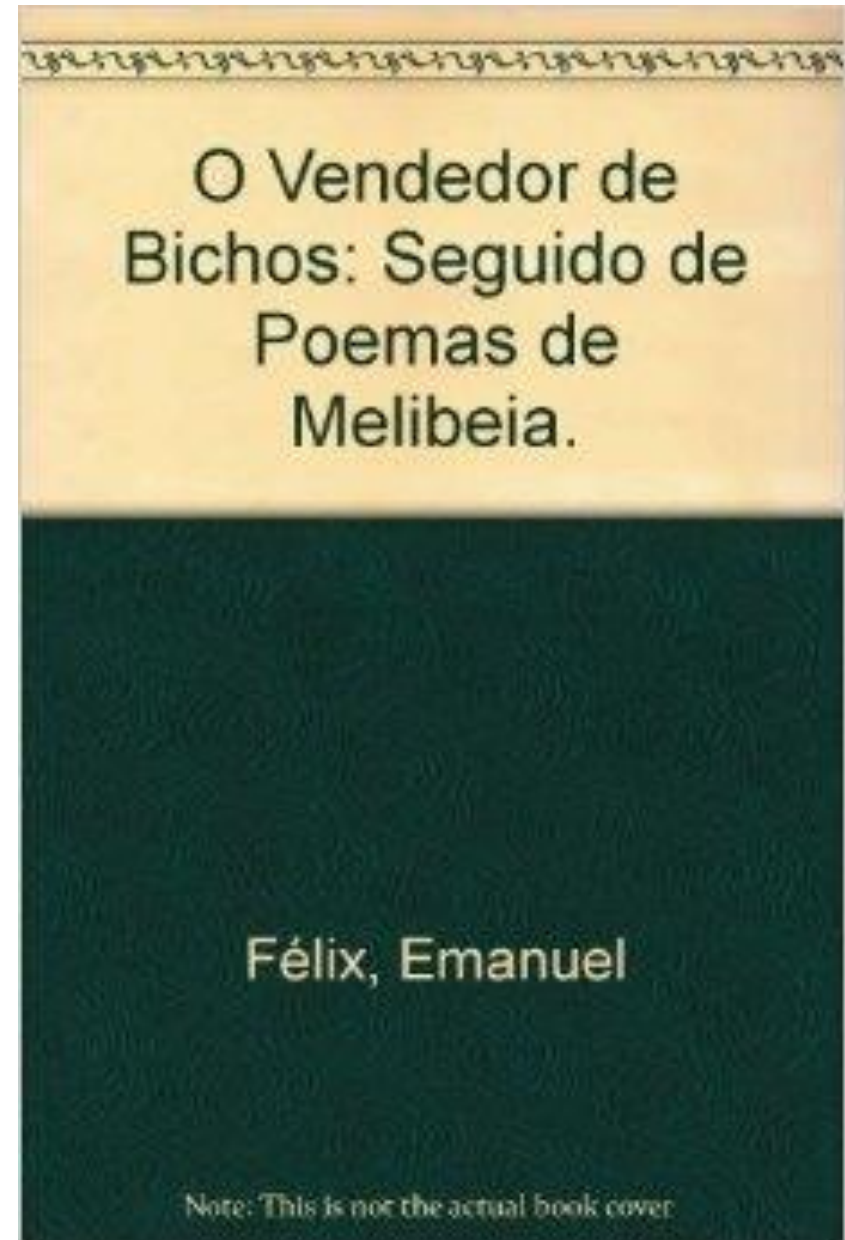
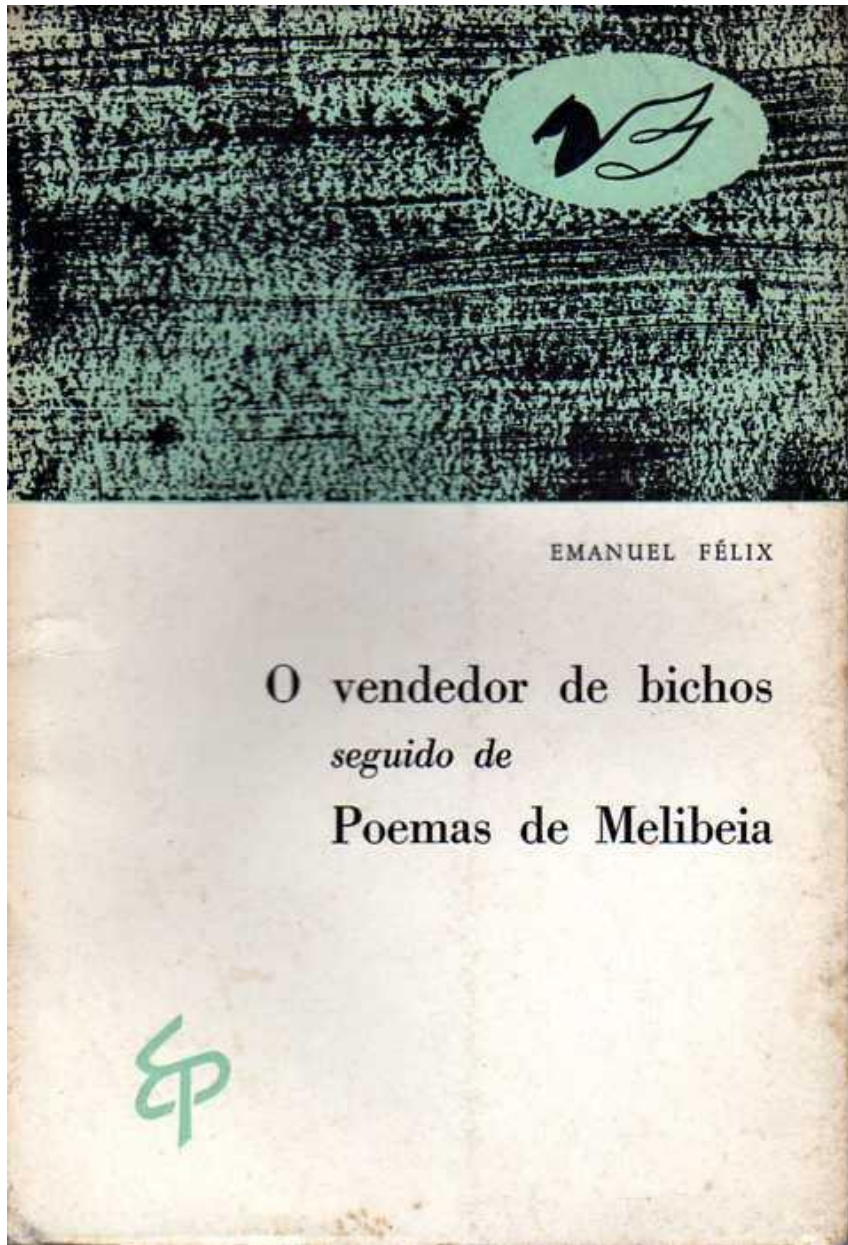
não me lembro da cor dos olhos quando olhava  
os olhos das raparigas lá de casa  
mas sei que era neles que se acendia  
o sol  
ou se agitava a superfície dos lagos  
do jardim com lagos a que me levavam de mãos dadas  
as raparigas lá de casa  
que tinham namorados e com eles  
traíam

a nossa indefinível cumplicidade

eu perdoava sempre e ainda agora perdoo  
às raparigas lá de casa  
porque sabia e sei que apenas o faziam  
por ser esse o lado mau de sua inexplicável bondade  
o vício da virtude da sua imensa ternura  
da ternura inefável do meu primeiro amor  
do meu amor pelas raparigas lá de casa







**LITANIA, [FÉLIX, Emanuel, Seis Nomes de Mulher (1985) in 121 Poemas escolhidos, p. 155].**

*Cresci como as roseiras de Jericó,  
como as oliveiras magníficas na planície*  
ECLESIASTES, 24, 14

Rosa  
Lótus do Ocidente  
Rosa-Cruz  
Rosa imagem da alma  
Rosa da Redenção  
Rosa colhida nos jardins de Chiraz  
Rosa de sete pétalas, poderosa  
Rosa quaresmal abençoada  
Rosa cicatriz de Abd UL Gilani  
Rosa Eterna de Dante  
Rosa dos Ventos  
Rosa chuva, orvalho  
Rosa azul do impossível  
Rosa Rosae

---

**APELO DE URGÊNCIA, [FÉLIX, Emanuel, A Viagem Possível (1965-1992), Poemas Dispersos, in 121 Poemas escolhidos, pp. 173-174].**

De Rutland Sq., Boston, Massachusetts, mandaste as boas-  
[festas.  
Depois, vi-te em Bruxelas, na Grand'Place, mas nada foi  
possível, porque conduzas uma excursão  
turística  
e o autocarro  
ia partir, na hora.

Em Ruão, encontrámo-nos, na Rue de l'Horloge.  
E em Paris, na esplanada de um café, em Saint-André-  
[-des-Arts.

Mas nada dissemos um ao outro  
porque tivemos medo de que nenhum de nós fosse um  
[ou o outro.

Em Ottignies, nevava,  
vi passar o teu rosto colado ao vidro da carruagem de  
segunda classe da composição  
da linha do outro lado.

Eu ia para Gent.  
E tu?  
Direction Liège?

De então para cá, tenho-te visto, juro,  
atravessando uma rua qualquer de uma qualquer cidade  
de qualquer documentário cinematográfico  
ou, súbito, ao passar,  
numa qualquer fotografia de jornal.

Entretanto,  
este breve postal de Tientsin:  
'From China, with love'.

E não assinas Laura,  
não te chamas Beatriz  
nem Annabelle Lee.

Sei, porém, o teu nome e o teu corpo,  
mas não sei onde moras  
(quem o sabe?).

E por isso te peço que, se um dia  
(extremamente improvável)  
este apelo de urgência  
chegar às tuas mãos,  
cair sob os teus olhos,  
tombar no teu coração,  
então escrevas, escrevas logo, prontamente,  
dizendo o teu país,  
a tua cidade, a tua morada.

Porque eu voltarei a cobrir a cabeça de cinzas,  
calçarei as sandálias,  
tomarei de novo o meu bordão de buxo,  
abraçarei os parentes e os amigos

e partirei à procura  
do infinitamente inefável.”

**IVRESSE, [FÉLIX, Emanuel, O Instante Suspenso (1992) in 121 Poemas Escolhidos, p. 189].**

*L’astre se nomme Absinthe  
APOCALIPSE, 8, 10*

Absinthe  
Absence

Absence de douceur  
Douleur d’absence.”

#### **POEMA DE NATAL**

Quando Tu nasceste  
que assombrosas e lindas e impossíveis coisas de acontecer aconteceram...  
em agosto ou dezembro o certo é que nevou  
e uma estrela se fez bordão de magos.  
Até os anjos do céu sujaram as sandálias  
nos currais de Belém.

#### **POEMA DOS NÁUFRAGOS TRANQUILOS**

Somos herdeiros dos quatro ventos  
Sem uma vela para lhes dar  
Temos amarras e temos lenços  
Num cais de pedra para acenar.  
Somos herdeiros da maresia  
Que salga os olhos de olhar o mar  
E temos rios de lava fria  
Que se recusam a desaguar.  
Somos herdeiros de uma lembrança  
de tesouros afundados  
e arpoamos a esperança

na nossa morte reclinados.  
Somos herdeiros de um rombo aberto  
no nevoeiro secular tranquilos  
náufragos do incerto  
vamos morrer no mar.

**Elegia das Flores”, [FÉLIX, Emanuel, página 82, do livro 121 Poemas Escolhidos)**

*“ Os homens esperam viver cem anos  
Mas as flores vivem uma primavera.  
Porém, num dia de vento e de chuva,  
Elas podem desfolhar-se na poeira.  
Se as flores soubessem afligir-se com isso.  
A sua tristeza seria maior que a dos homens.”*

**PEDRA-POEMA PARA HENRY MOORE, [FÉLIX, Emanuel, de O Vendedor de Bichos, 1965**

Um homem pode amar uma pedra  
uma pedra amada por um homem não é uma pedra  
mas uma pedra amada por um homem

O amor não pode modificar uma pedra  
uma pedra é um objeto duro e inanimado  
uma pedra é uma pedra e pronto

Um homem pode amar o espaço sagrado que vai de um homem a uma pedra  
uma pedra onde começa qualquer coisa ou acabe  
onde pouse a cabeça por uma noite  
ou sobre a qual edifique uma escada para o alto

Uma pedra é uma pedra  
(não pode o amor modificá-la nem o ódio)

Mas se a um homem lhe der para amar uma pedra



não seja uma pedra e mais nada  
mas uma pedra amada por um homem

ame o homem a pedra  
e pronto

**1. DOIS POEMAS CHINESES, (da sequência Seis recados pessoais para Margarida Weizen, incluído em Habitação das Chuvas, edição do A., Angra do Heroísmo, 1997)**

**CANÇÃO DO TRIGO À MANEIRA DE HAN**

O trigo está verde:  
Preciso é que amadureça.

E quem serão os ceifeiros?  
- As mães os seus meninos...

(Os homens estão para o sul  
A combater os bárbaros).

**2. Por um anónimo da Dinastia T'sin (\*)**

Os mandarins compam cavalos brancos.  
Os grandes senhores têm palácios de oiro.

Mas, cuidado:  
Nem uma palavra, amigo.

(\*)Período em que foram queimados os livros e enterrados vivos todos os poetas (N. do A.)

**DISCURSO (MUITO BREVE) SOBRE A CRIAÇÃO ARTÍSTICA (de 5 Poemas de Amor)**

Porque digo pareces  
uma espiga de trigo

eis o cheiro da terra deste junho  
quando é tarde demais para semear  
mas cedo ainda  
cedo  
para o gesto infinito  
de repartir o pão

## HORTENSES

*Vem aí a Primavera.  
Estão quase a desabrochar  
As hortenses, quem m'as dera  
p'ra meu jardim enfeitar !*

*Quem tem o nome de Hortense,  
Dessa flôr sem outra igual,  
Com certeza que pertence  
Aos jardins de Portugal.*

*E há hortenses também  
Brancas, azuis, muitas cores...  
As que meu jardim contém  
São as rainhas das flores.*

*Querem exceder às rosas,  
Trepadeira ou do Japão,  
E tem nas pétalas mimosas  
Um amor e um coração.*

Angra, 17-III-952

EMANUEL FELIX  
(Quinze anos e 3.º ano do Liceu)



Veloz caçador de pombas  
sem pedra espingarda faca  
com a mão de quem escreve  
a palavra exacta

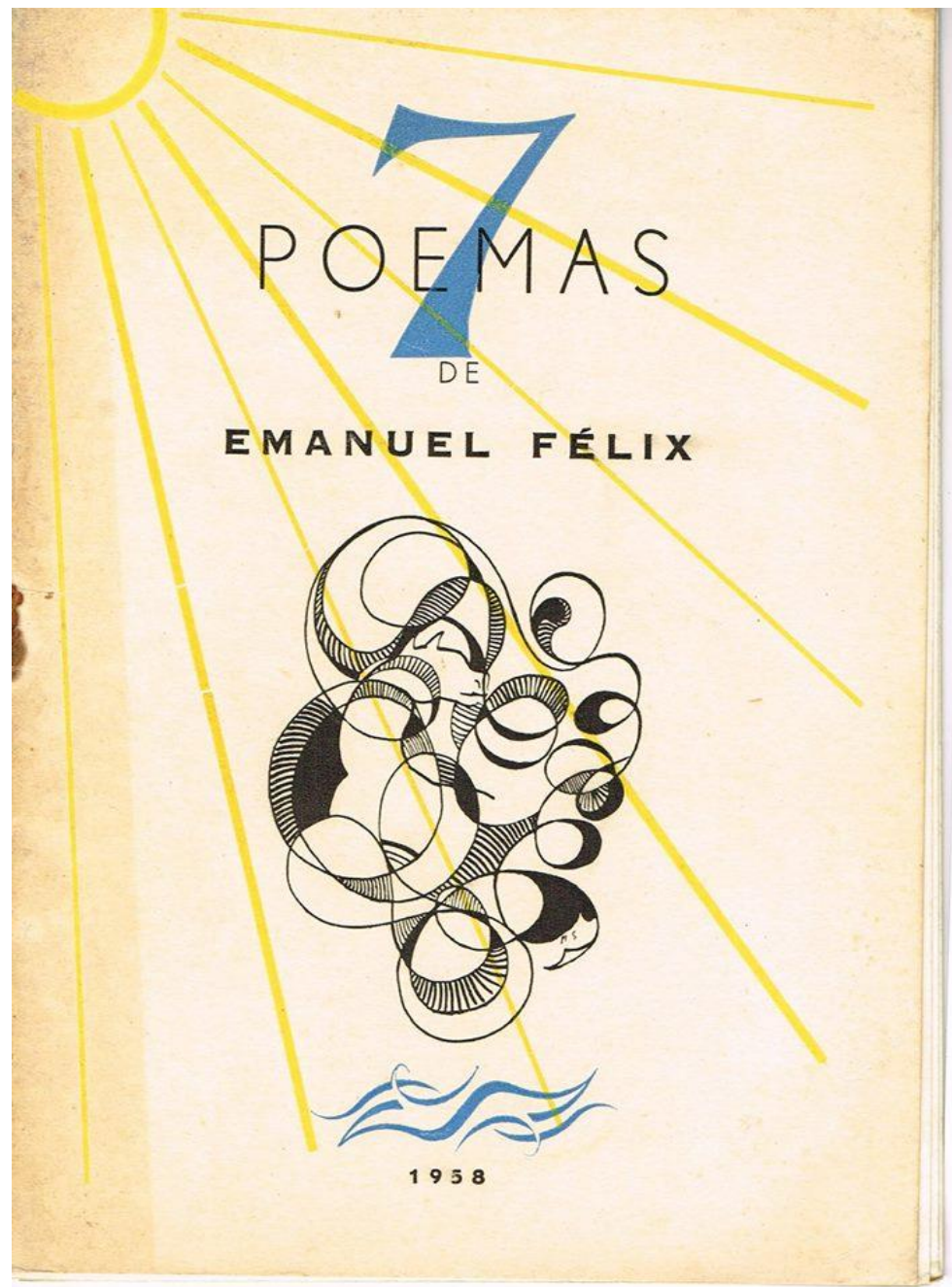
Dissimulador do impossível  
pintor de caras explodidas  
empalhador de bestas-feras  
que lhe vêm comer-à-mão

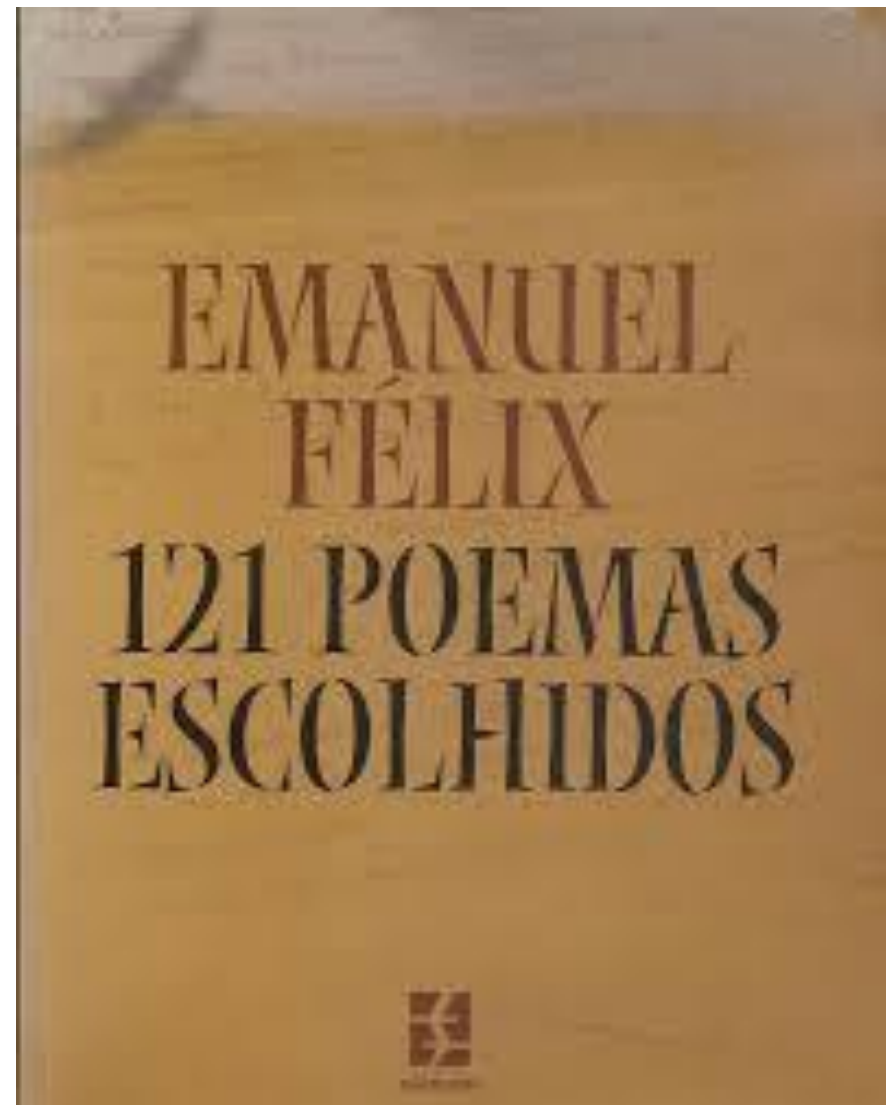
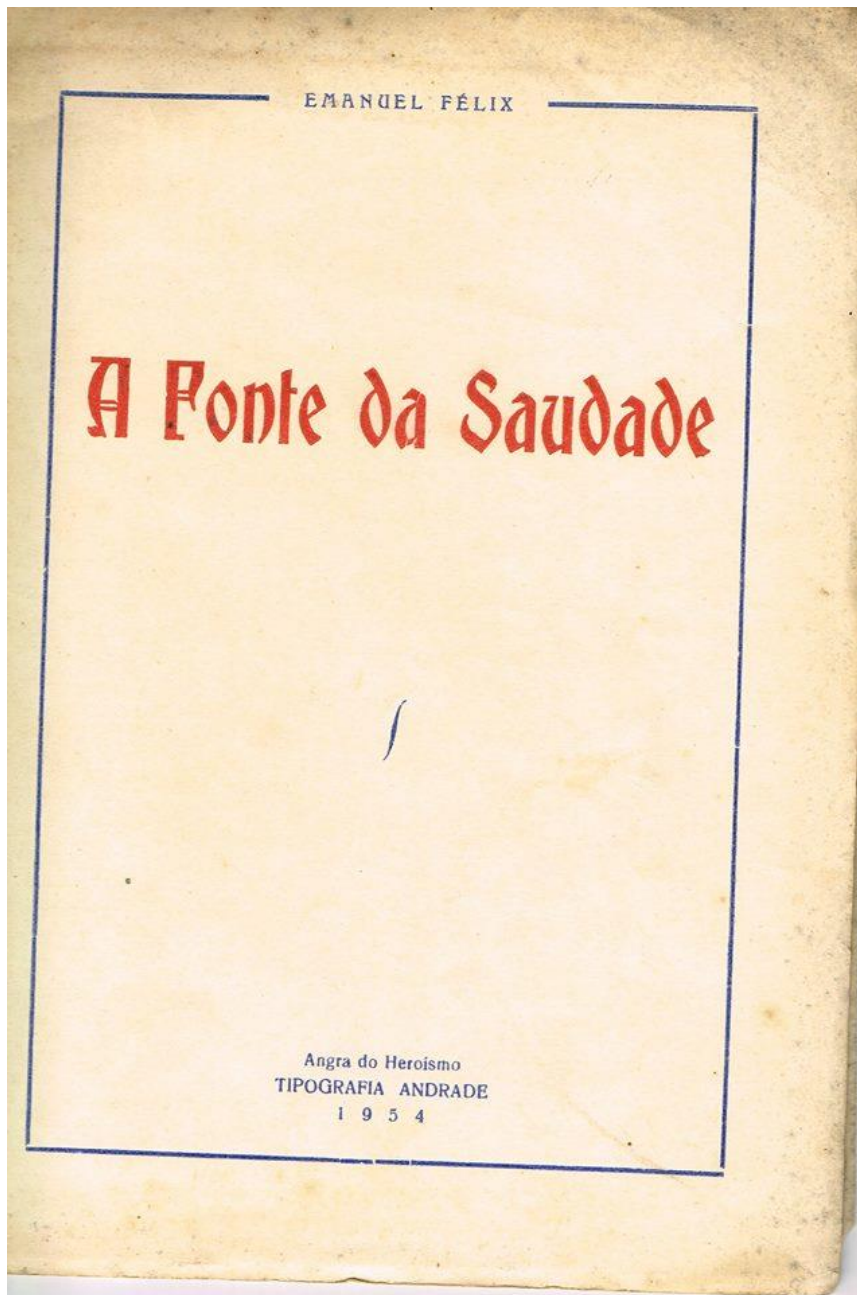
Fútil amigo de arlequins  
aposta na dificuldade  
seu nome é como quem zomba  
tira beleza da fealdade

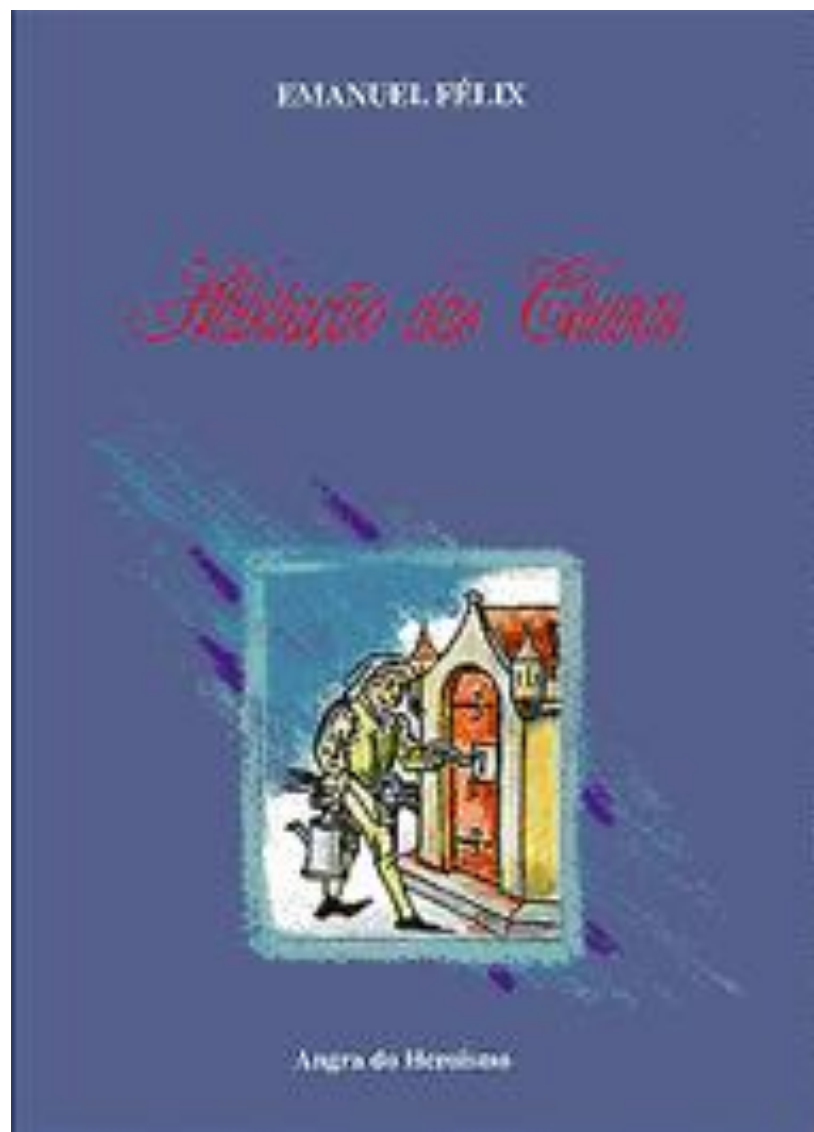
Seu nome é apenas Pablo  
honesto vendedor de bichos

*Emanuel Félix*

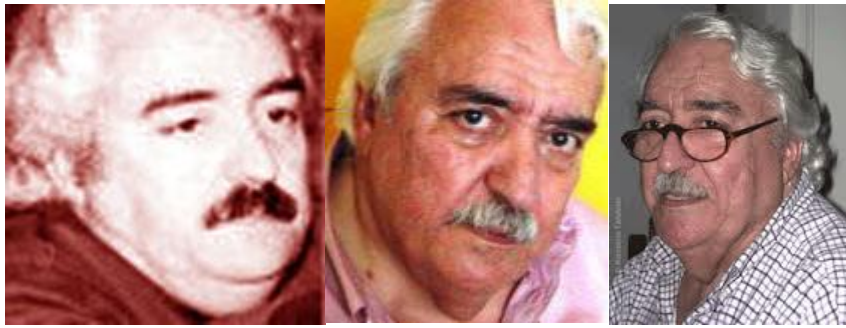
*(De «O vendedor de bichos»)*











COM DANIEL DE SÁ



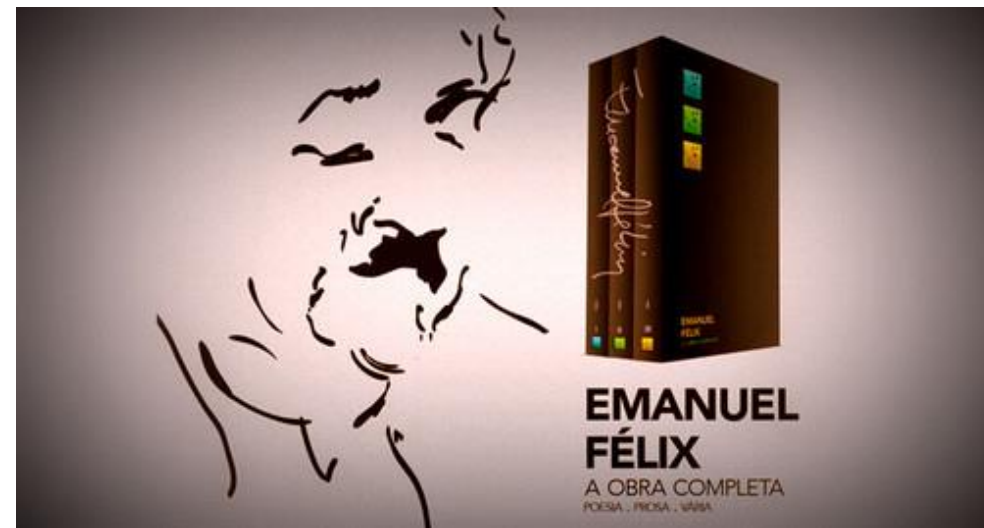
EMANUEL FÉLIX BORGES DA SILVA



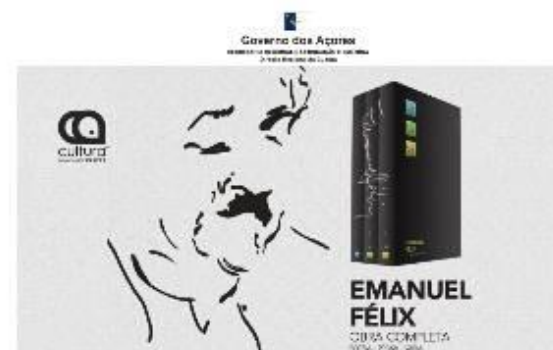
Vasco Pereira da Costa

com





## Emanuel Félix –



### Apresentação | Emanuel Félix – Obra Completa

**10 | junho | 18H00**

Auditorio da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros | B.5.ª Feira do livro da Lisboa | Parque Eduardo VII

**12 | junho | 18H00**

Salão Nobre da Secretaria Regional da Educação e Cultura | Angra do Heroísmo

Oradores: Vasco Pereira da Costa | Álvaro Oliveira

  
**Governo dos Açores**  
 SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E CULTURA

### CONVITE

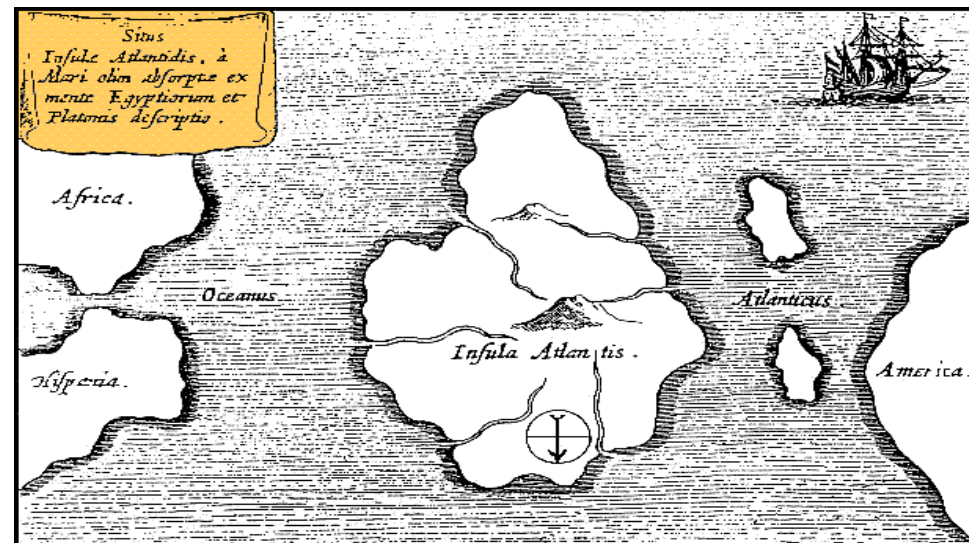
O Secretário Regional da Educação e Cultura convida V. Ex.<sup>a</sup> e acompanhante para a sessão de apresentação da edição *Emanuel Félix – Obra Completa*, que se realiza no dia 12 de junho, pelas 18h00, no Salão Nobre da Secretaria Regional da Educação e Cultura, na Rua Carreira dos Cavalos, em Angra do Heroísmo.

Oradores: Vasco Pereira da Costa | Álvaro Oliveira

**2015 APRESENTAÇÃO DAS OBRAS COMPLETAS COMPILADAS POR VASCO PEREIRA DA COSTA**

# CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS

## REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



**CADERNO Nº 9 dezembro 2010**

**DEDICADO A EMANUEL FÉLIX**

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL-Colóquios da Lusofonia – Chrys Chrystello editou este número

Coordenação Chrys e Helena Chrystello

**CONVENÇÃO:** O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA -

revisto janeiro de 22

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115